Revista Eletrônica
Acervo Saúde
Electronic Journal Collection Health ISSN 2178-2091

# Exposição solar e práticas de fotoproteção entre agentes comunitários de saúde

Sun exposure and photoprotection practices among community health workers

Exposición solar y prácticas de fotoprotección entre agentes comunitarios de salud

Izamara Lima Portela[1], Valquíria Maria Oliveira Santos[1], Fernanda Mendes Dantas[1], Hemanoelly Rocha Ibiapino[1], Kauanne de Sousa Matos[1], Yulla Klinger de Carvalho Leite[1].

**RESUMO**

**Objetivo:** Avaliar o conhecimento, os hábitos de exposição solar e as práticas de fotoproteção entre Agentes Comunitários de Saúde (ACS) do município de Picos-PI. **Métodos:** Estudo quantitativo, transversal e descritivo, realizado com 89 ACS atuantes em Unidades Básicas de Saúde. A coleta de dados ocorreu entre novembro de 2024 e março de 2025, por meio de questionário estruturado com informações sociodemográficas, tempo e horário de exposição solar, uso de fotoproteção química e mecânica e conhecimento sobre riscos. Os dados foram analisados por estatística descritiva e Teste Exato de Fisher, com nível de significância de 5%. **Resultados:** Predominou o sexo feminino, faixa etária entre 51 e 60 anos e tempo de serviço superior a 15 anos. A maioria relatou exposição solar diária entre 2 e 6 horas, principalmente em horários de maior intensidade da radiação. Observou-se uso irregular do filtro solar, com baixa reaplicação, quantidade inferior à recomendada e reduzida adesão ao protetor labial e à proteção mecânica. Parte dos participantes relatou episódios de queimaduras solares. **Conclusão:** Os ACS apresentam elevada exposição ocupacional ao sol e práticas de fotoproteção inadequadas, evidenciando a necessidade de ações educativas e estratégias institucionais voltadas à saúde ocupacional.

**Palavras-chave:** Fator de proteção solar, Agentes comunitários de saúde, Saúde ocupacional.

**ABSTRACT**

**Objective:** To evaluate the knowledge, sun exposure habits, and photoprotection practices among Community Health Agents (CHAs) in the municipality of Picos-PI. **Methods:** A quantitative, cross-sectional, and descriptive study was conducted with 89 CHAs working in Basic Health Units. Data collection took place between November 2024 and March 2025, using a structured questionnaire with sociodemographic information, time and schedule of sun exposure, use of chemical and mechanical photoprotection, and knowledge about risks. Data were analyzed using descriptive statistics and Fisher's Exact Test, with a significance level of 5%. **Results:** The majority were female, aged between 51 and 60 years, and with more than 15 years of service. Most reported daily sun exposure between 2 and 6 hours, mainly during times of higher radiation intensity. Irregular use of sunscreen was observed, with low reapplication, amounts lower than recommended, and reduced adherence to lip balm and mechanical protection. Some participants reported episodes of sunburn. **Conclusion:** Community health workers have high occupational sun exposure and inadequate

[1] Universidade Federal do Piauí, Picos – PI.

**SUBMETIDO EM: 4/2026** | **ACEITO EM: 5/2026** | **PUBLICADO EM: 7/2026**

photoprotection practices, highlighting the need for educational actions and institutional strategies focused on occupational health.

**Keywords:** Sun protection factor, Community health workers, Occupational health.

**RESUMEN**

**Objetivo:** Evaluar el conocimiento, los hábitos de exposición solar y las prácticas de fotoprotección entre Agentes Comunitarios de Salud (ACS) del municipio de Picos-PI. **Métodos:** Estudio cuantitativo, transversal y descriptivo, realizado con 89 ACS que trabajan en Unidades Básicas de Salud. La recolección de datos se llevó a cabo entre noviembre de 2024 y marzo de 2025, mediante un cuestionario estructurado con información sociodemográfica, tiempo y horario de exposición solar, uso de fotoprotección química y mecánica, y conocimiento sobre riesgos. Los datos fueron analizados mediante estadística descriptiva y la prueba exacta de Fisher, con un nivel de significación del 5%. **Resultados:** Predominó el sexo femenino, con un rango de edad entre 51 y 60 años y un tiempo de servicio superior a 15 años. La mayoría informó exposición solar diaria entre 2 y 6 horas, principalmente en horarios de mayor intensidad de la radiación. Se observó un uso irregular del protector solar, con baja reaplicación, cantidad inferior a la recomendada y reducida adhesión al protector labial y a la fotoprotección mecánica. Parte de los participantes reportó episodios de quemaduras solares. **Conclusión:** Los ACS presentan alta exposición ocupacional al sol y prácticas de fotoprotección inadecuadas, lo que evidencia la necesidad de acciones educativas y estrategias institucionales orientadas a la salud ocupacional.

**Palabras clave:** Factor de protección solar, Agentes comunitarios de salud, Salud laboral.

## INTRODUÇÃO

A exposição ocupacional prolongada à radiação solar configura-se como um importante fator de risco para o desenvolvimento do câncer de pele, especialmente em países de clima tropical, como o Brasil, onde os níveis de radiação ultravioleta (UV) permanecem elevados durante grande parte do ano. A radiação UV provoca danos diretos ao DNA das células cutâneas, contribuindo significativamente para a carcinogênese. Nesse contexto, o câncer de pele destaca-se como a neoplasia maligna de maior incidência no país. Estimativas indicam que, no triênio 2023–2025, os casos de câncer de pele não melanoma representam uma parcela expressiva do total de tumores diagnosticados, o que reforça a necessidade de implementação de estratégias eficazes de prevenção e proteção contra a exposição solar prolongada (BRASIL, 2022).

Trabalhadores rotineiramente expostos à radiação solar como parte de sua rotina profissional, tais como agricultores, trabalhadores rurais e outros profissionais que atuam predominantemente ao ar livre, apresentam maiores chances de desenvolver lesões na pele relacionadas à exposição solar prolongada (NOGUEIRA FAM, et al., 2025). No âmbito da saúde pública, os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) representam um grupo profissional específico cuja jornada de trabalho envolve atividades externas em residências, ruas e áreas de risco, o que os expõe diretamente às condições climáticas, como chuva e sol, colocando esses profissionais em maior vulnerabilidade aos efeitos cumulativos da radiação UV, o que torna as estratégias de fotoproteção ainda mais relevantes para sua saúde ocupacional. O cenário dos ACS torna-se mais preocupante pelo fato de as visitas domiciliares exigirem longos trajetos a pé exatamente nos horários em que a radiação solar é mais intensa. Por essa razão, a fotoproteção deve deixar de ser vista apenas como um cuidado individual e passar a ser tratada formalmente como uma medida indispensável de saúde ocupacional e segurança do trabalho (MALCHER CMSR, et al., 2019).

A fotoproteção consiste na adoção integrada de medidas físicas, químicas e comportamentais, sendo considerada a estratégia mais eficaz para prevenir os danos cutâneos induzidos pela radiação ultravioleta (UV). Entre as principais recomendações, destaca-se o uso regular de protetores solares com fator de proteção solar (FPS) igual ou superior a 30, aplicados em quantidade adequada e reaplicados a cada duas

horas ou após sudorese intensa. Adicionalmente, recomenda-se o uso de barreiras físicas, como chapéus de abas largas, bonés, vestimentas de mangas longas confeccionadas com tecidos com proteção UV e óculos escuros com filtro para radiação ultravioleta. Medidas comportamentais também são fundamentais, como evitar a exposição solar nos horários de maior intensidade da radiação (entre 10h e 15h) e priorizar ambientes sombreados sempre que possível. A combinação dessas estratégias potencializa a proteção contra os efeitos cumulativos da radiação solar, reduzindo o risco de queimaduras, fotoenvelhecimento e desenvolvimento de neoplasias cutâneas (SCHALKA S, et al., 2020).

Nesse cenário, o presente estudo teve como objetivo analisar os hábitos de exposição solar, as práticas de fotoproteção, assim como a distribuição dos sinais, sintomas e práticas de autocuidado relacionados à exposição solar entre Agentes Comunitários de Saúde (ACS) do município de Picos-PI, bem como sua associação com características sociodemográficas.

## MÉTODOS

Trata-se de um estudo quantitativo, transversal e descritivo, realizado com Agentes Comunitários de Saúde (ACS) vinculados às Unidades Básicas de Saúde do município de Picos, Piauí, inseridas na Estratégia Saúde da Família. A amostra foi do tipo não probabilística por conveniência, composta por 89 participantes, em razão da disponibilidade dos profissionais durante o período de coleta.

Foram incluídos ACS em exercício nas unidades selecionadas e que consentiram participar mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos aqueles ACS afastados por licença, férias ou outros motivos pelos quais estavam ausentes no período da coleta.

A coleta de dados ocorreu entre novembro de 2024 e março de 2025, por meio de questionário estruturado elaborado pelos pesquisadores, contendo 12 questões relacionadas ao perfil sociodemográfico, hábitos de exposição solar, medidas de fotoproteção e conhecimentos sobre os riscos da radiação ultravioleta, com base nas recomendações da Sociedade Brasileira de Dermatologia.

Os dados foram tabulados utilizando o software Microsoft Excel. Em seguida, foram importados para o software IBM-SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) versão 24 para devido tratamento analítico dos testes estatísticos e tratamentos descritivos. Fez-se uso de estatísticas descritivas dispostos em forma de tabela, onde foram contabilizados as frequências e porcentagens das variáveis no estudo.

Foi aplicado o Teste Exato de Fisher para verificar a associação entre as variáveis. No presente trabalho considera-se 5% como nível de significância e 95% de confiança. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí, sob parecer nº 6.727.499, atendendo às diretrizes da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

## RESULTADOS

Dos 89 Agentes Comunitários de Saúde (ACS) participantes, observou-se predominância do sexo feminino (95,51%), com maior concentração na faixa etária de 51 a 60 anos (58,43%) e que possuíam escolaridade de nível médio completo (58,43%). Em relação ao tempo de serviço, 76,40% dos participantes relataram atuar como ACS há mais de 15 anos. Quanto à cor da pele, 33,71% dos participantes se autodeclaram com cor da pele Branca.

No que se refere ao tempo diário de exposição solar, 49,44% (n=44) dos ACS relataram exposição diária entre 2 e 6 horas, 46, 07% (n=41) afirmaram exposição diária ao sol acima de 6 horas, enquanto apenas 4,49% (n=4) referiram exposição inferior a 2 horas. Em relação aos horários de exposição solar, observou-se maior frequência de exposição no período entre 10h da manhã e 15h da tarde (53,93%), e até 10h da manhã (43,82%).

Quanto às medidas de fotoproteção mecânica, o uso de guarda-sol ou sombrinha foi o item mais frequente (56,18%) utilizado, seguido por camisetas ou camisas com proteção solar (39,33%). O uso de chapéu, boné

ou viseira foi relatado por apenas 13,48% dos participantes. Destaca-se que 15,73% dos ACS informaram não utilizar nenhum tipo de proteção mecânica como medida preventiva. Em relação ao uso de fotoprotetores, verificou-se que 57,30% dos participantes relataram utilizar filtro solar com frequência (muitas vezes ou sempre), enquanto 42,70% referiram uso pouco frequente. Quanto ao fator de proteção solar (FPS) dos fotoprotetores utilizados, 76,40% dos participantes optam por utilizar filtro solar com FPS ≥ 30, embora 17,98% relataram não utilizar o produto. No que diz respeito à reaplicação do filtro solar, apenas 39,33% afirmaram reaplicar o protetor duas ou mais vezes ao dia, enquanto 29,21% não realizaram reaplicação (**Tabela 1**).

Observou-se ainda que 78,65% dos participantes não utilizam protetor labial. Quando questionados sobre a quantidade de protetor solar aplicada no rosto, 58,43% referiram utilizar menos que uma colher de chá. Em relação às áreas de aplicação, 50,56% utilizam protetor solar tanto no rosto quanto no corpo, enquanto 32,58% aplicam apenas no rosto (**Tabela 1**).

**Tabela 1 -** Distribuição das práticas de fotoproteção entre os Agentes Comunitários de Saúde (ACS).

| Medidas de fotoproteção | N | % |
|---|---|---|
| **Uso de Filtro solar** | | |
| Nunca/Raramente/Às vezes | 38 | 42,70 |
| Muitas vezes/Sempre | 51 | 57,30 |
| **Você usa protetor solar com qual FPS?** | | |
| Não uso | 16 | 17,98 |
| Menor que 30 | 5 | 5,62 |
| ≥ 30 | 68 | 76,40 |
| **Quantas vezes você reaplica o protetor solar quando o utiliza?** | | |
| Nenhuma | 26 | 29,21 |
| 1 vez ao dia | 28 | 31,46 |
| 2 ou mais vezes ao dia | 35 | 39,33 |
| **Você faz o uso de protetor solar labial?** | | |
| Sim | 19 | 21,35 |
| Não | 70 | 78,65 |
| **Média da quantidade de protetor solar aplicado no rosto** | | |
| Menos que 1 colher de chá | 52 | 58,43 |
| ≥ 1 colher de chá | 37 | 41,57 |
| **Aplica protetor solar no corpo todo ou somente rosto** | | |
| Somente rosto | 29 | 32,58 |
| Somente Corpo | 1 | 1,12 |
| Corpo e rosto | 45 | 50,56 |
| Não aplico | 14 | 15,73 |

**Fonte:** Portela IL, et al., 2026.

A análise da associação entre variáveis sociodemográficas e tempo diário de exposição solar demonstrou que apenas a variável faixa etária apresentou associação estatisticamente significativa (p=0,011), indicando diferenças no tempo de exposição entre os grupos etários. As demais variáveis não apresentaram associação significativa (**Tabela 2**). Desse modo, a associação entre a faixa etária e o tempo de exposição, destaca-se como fator de atenção, devido aos profissionais com mais idade apresentarem risco elevado devido ao acúmulo por exposição crônica.

**Tabela 2 -** Associação entre características sociodemográficas e o tempo diário de exposição solar entre ACS.

| Sociodemográfico | Tempo de exposição solar diário | | | | P-valor |
|---|---|---|---|---|---|
| | Até 6 horas | | Mais de 6 horas | | |
| | N | % | N | % | |
| **Sexo** | | | | | 0,331 |
| Masculino | 1 | 25,00 | 3 | 75,00 | |
| Feminino | 47 | 55,29 | 38 | 44,71 | |
| **Faixa Etária** | | | | | 0,011 |
| Até 50 | 26 | 70,27 | 11 | 29,73 | |
| 51-60 | 22 | 42,31 | 30 | 57,69 | |
| **Escolaridade** | | | | | 0,517 |
| Até Médio | 28 | 50,91 | 27 | 49,09 | |
| Superior e Pós | 20 | 58,82 | 14 | 41,18 | |
| **Tempo de Serviço como ACS** | | | | | 0,216 |
| Até 15 anos | 14 | 66,67 | 7 | 33,33 | |
| Mais de 15 anos | 34 | 50,00 | 34 | 50,00 | |
| **Cor da Pele** | | | | | 0,202 |
| Branca | 15 | 50,00 | 15 | 50,00 | |
| Morena Clara | 19 | 67,86 | 9 | 32,14 | |
| Morena Moderada, Escura, Negra | 14 | 45,16 | 17 | 54,84 | |

**Fonte:** Portela IL, et al., 2026.

Quanto ao uso de filtro solar, não foram observadas associações estatisticamente significativas quando associados às variáveis sociodemográficas (p>0,05), embora maiores frequências de uso tenham sido observadas entre indivíduos do sexo masculino (75,00%) e com idade inferior à 50 anos (62,16%) (**Tabela 3**).

**Tabela 3 -** Associação entre características sociodemográficas e o uso de filtro solar entre ACS.

| Sociodemográfico | Uso de Filtro solar | | | | P-valor |
|---|---|---|---|---|---|
| | Nunca/Raramente/Às vezes | | Muitas vezes/Sempre | | |
| | N | % | N | % | |
| **Sexo** | | | | | 0,633 |
| Masculino | 1 | 25,00 | 3 | 75,00 | |
| Feminino | 37 | 43,53 | 48 | 56,47 | |
| **Faixa Etária** | | | | | 0,516 |
| Até 50 | 14 | 37,84 | 23 | 62,16 | |
| 51-60 | 24 | 46,15 | 28 | 53,85 | |
| **Escolaridade** | | | | | >0,999 |
| Até Médio | 24 | 43,64 | 31 | 56,36 | |
| Superior e Pós | 14 | 41,18 | 20 | 58,82 | |
| **Tempo de Serviço como ACS** | | | | | 0,325 |
| Até 15 anos | 11 | 52,38 | 10 | 47,62 | |
| Mais de 15 anos | 27 | 39,71 | 41 | 60,29 | |
| **Cor da Pele** | | | | | 0,888 |
| Branca | 12 | 40,00 | 18 | 60,00 | |
| Morena Clara | 13 | 46,43 | 15 | 53,57 | |
| Morena Moderada, Escura, Negra | 13 | 41,94 | 18 | 58,06 | |

**Fonte:** Portela IL, et al., 2026.

Da mesma forma, a frequência de reaplicação do protetor solar não apresentou associação estatisticamente significativa com as variáveis sociodemográficas (p>0,05). Entretanto, observou-se uma tendência de maior reaplicação entre ACS com mais de 15 anos de serviço (45,59 %), pertencente ao sexo masculino (75,00 %), com faixa etária entre 51-60 anos (44,23 %), de cor da pele morena moderada, escura, negra (45,16%) e com nível de escolaridade superior completo (41,18 %) (**Tabela 4**). Dessa forma, através dos dados supracitados, constatou-se que, embora a maioria utilize filtro solar com FPS ≥ 30, a proteção

ainda é inadequada devido à baixa reaplicação, ao uso de quantidade inferior à recomendada, à baixa adesão ao protetor labial e ao uso reduzido de chapéus, bonés ou viseiras.

**Tabela 4 -** Associação entre características sociodemográficas e a frequência de reaplicação do protetor solar entre ACS.

| Sociodemográfico | Quantas vezes você reaplica o protetor solar quando o utiliza? | | | | | | P-valor |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Nenhuma | | 1 vez ao dia | | 2 ou mais vezes ao dia | | |
| | N | % | N | % | N | % | |
| **Sexo** | | | | | | | 0,304 |
| Masculino | 1 | 25,00 | 0 | 0,00 | 3 | 75,00 | |
| Feminino | 25 | 29,41 | 28 | 32,94 | 32 | 37,65 | |
| **Faixa Etária** | | | | | | | 0,469 |
| Até 50 | 13 | 35,14 | 12 | 32,43 | 12 | 32,43 | |
| 51-60 | 13 | 25,00 | 16 | 30,77 | 23 | 44,23 | |
| **Escolaridade** | | | | | | | 0,682 |
| Até Médio | 18 | 32,73 | 16 | 29,09 | 21 | 38,18 | |
| Superior e Pós – Graduação | 8 | 23,53 | 12 | 35,29 | 14 | 41,18 | |
| **Tempo de Serviço como ACS** | | | | | | | 0,075 |
| Até 15 anos | 9 | 42,86 | 8 | 38,10 | 4 | 19,05 | |
| Mais de 15 anos | 17 | 25,00 | 20 | 29,41 | 31 | 45,59 | |
| **Cor da Pele** | | | | | | | 0,534 |
| Branca | 7 | 23,33 | 13 | 43,33 | 10 | 33,33 | |
| Morena Clara | 9 | 32,14 | 8 | 28,57 | 11 | 39,29 | |
| Morena Moderada, Escura, Negra | 10 | 32,26 | 7 | 22,58 | 14 | 45,16 | |

**Fonte:** Portela IL, et al., 2026.

Em relação aos sinais e sintomas relacionados à exposição solar, 59,55% dos participantes relataram pelo menos um episódio de queimadura solar nos últimos cinco anos. Dentre estes, 25,84% referiram de 1 a 2 episódios, 17,98% entre 3 e 5 episódios e 14,61% mais de 10 episódios. Quando questionados sobre a realização do autoexame de pele, 51,69% dos ACS relataram realizar essa prática, enquanto 41,57% não realizam e 6,74% afirmaram não possuir conhecimento sobre o procedimento (**Tabela 5**).

**Tabela 5 -** Distribuição dos sinais, sintomas e práticas de autocuidado relacionados à exposição solar entre ACS.

| Sinais e sintomas provocados pela exposição solar | n | % |
|---|---|---|
| **Quantas vezes apresentou queimaduras solares (vermelhidão, dor) nos últimos 5 anos?** | | |
| Nenhuma | 36 | 40,45 |
| 1 - 2 | 23 | 25,84 |
| 3 - 5 | 16 | 17,98 |
| 6 - 10 | 1 | 1,12 |
| mais de 10 | 13 | 14,61 |
| **Realiza o autoexame de pele?** | | |
| Realizo | 46 | 51,69 |
| Não realizo | 37 | 41,57 |
| Não tenho conhecimento sobre | 6 | 6,74 |

**Fonte:** Portela IL, et al., 2026.

## DISCUSSÃO

A partir dos resultados obtidos, observa-se o alto risco ocupacional dos ACS em relação à exposição solar, tendo em vista que 49,44% (n=44) se expõe de 2-6 horas diárias e que 53,93% dos respondentes referem exposição, primordialmente, nos horários de 10 a 16 horas. Tal fato vai de oposto ao recomendado pela Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD), que orienta evitar a exposição solar no horário de 9h da manhã

às 15h da tarde, principalmente na Região Nordeste do país (SOCIEDADE BRASILEIRA DE DERMATOLOGIA, 2020).

As características sociodemográficas evidenciaram predominância do sexo feminino, com maior concentração de participantes na faixa etária de 51 a 60 anos (58,43%), seguida pelo grupo de 41 a 50 anos (31,46%). Esses achados indicam uma amostra composta majoritariamente por indivíduos em faixas etárias mais avançadas, o que pode representar um fator de risco relevante. Isso se deve às alterações fisiológicas associadas ao envelhecimento cutâneo, caracterizadas pela redução da capacidade de reparação tecidual, alterações imunológicas e acúmulo progressivo de danos celulares induzidos pela radiação ultravioleta. Esses fatores contribuem para maior suscetibilidade ao desenvolvimento de lesões pré-neoplásicas e neoplasias cutâneas em indivíduos expostos cronicamente ao sol (STRBO N, et al., 2025; TANG X, et al., 2024).

Ademais, observa-se que a maioria dos ACS (76,40%) possuem mais de 15 anos de atuação nessa ocupação. Considerando as condições de trabalho relacionadas às visitas domiciliares, destaca-se que a exposição crônica à radiação ultravioleta, especialmente à UVB, representa o principal fator de risco para o surgimento de mutações no DNA, associadas a alterações no sistema imunológico da pele. Contribuindo para o desenvolvimento de neoplasias, com maior incidência em faixas etárias mais avançadas (GUIMARÃES ALC, et al., 2023).

Além disso, os dados analisados indicam que uma parcela significativa destes profissionais utiliza a fotoproteção física e química de forma esporádica, com destaque para a baixa adesão ao uso de filtro solar labial, à reaplicação inadequada e à utilização de quantidades inferiores às recomendadas. Esse cenário revela não apenas falhas comportamentais, mas também lacunas importantes no conhecimento acerca das medidas corretas de fotoproteção.

Nesse sentido, estudo realizado com profissionais da saúde evidenciou que, embora haja um conhecimento geral sobre os riscos da radiação solar, esse saber nem sempre se traduz em práticas adequadas de proteção, sendo frequentes erros quanto à frequência de reaplicação, escolha do fator de proteção solar e uso de medidas complementares (FERREIRA FR, et al., 2019). Tal achado reforça que o conhecimento isolado não garante mudanças efetivas de comportamento, sendo necessárias intervenções educativas contínuas, estratégias institucionais e ações de promoção da saúde que incentivem a adoção correta e regular das medidas de fotoproteção no cotidiano profissional.

Em estudo realizado com estudantes de medicina da Universidade Católica de Brasília, observou-se que 83,9% dos participantes relataram utilizar filtro solar (PURIM KSM e WROBLEVSKI FC, 2014). Em contraste, entre os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) desta pesquisa, apenas 57,30% referiram uso frequente do produto (“muitas vezes” ou “sempre”).

O Consenso Brasileiro de Fotoproteção recomenda o uso de protetores solares com fator de proteção solar (FPS) mínimo de 30, bem como sua reaplicação a cada duas horas. Embora 76,40% dos ACS entrevistados utilizem protetores solares com FPS ≥ 30, apenas 39,33% realizam a reaplicação duas ou mais vezes ao dia. Esses achados evidenciam adesão insuficiente ao uso do filtro solar, especialmente no que se refere à frequência e ao intervalo adequado de reaplicação, apesar do uso relativamente adequado quanto ao fator de proteção.

Em relação ao protetor labial, estudos revelam baixa adesão. Em pesquisa realizada com trabalhadores de praias do município de Natal, verificou-se que 84,7% não utilizavam protetor labial (LUCENA EES, et al., 2012). Entre os ACS entrevistados na presente pesquisa, observou-se resultado semelhante, com 78,65% declarando não fazer uso deste tipo de protetor. Este resultado pode estar relacionado à escassa divulgação sobre a utilização deste produto, à falta de informação quanto às lesões decorrentes de sua não utilização, bem como o custo elevado do protetor labial que dificulta a sua utilização e reaplicação durante as visitas domiciliares, pois seria necessária uma reaplicação contínua devido o grande tempo de exposição solar.

Além dos aspectos relacionados ao conhecimento e ao comportamento individual, é importante considerar as barreiras práticas que dificultam adoção adequada de medidas de fotoproteção. Visto isso, as características climáticas da região Nordeste, marcadas por elevadas temperaturas, podem contribuir para

menor adesão ao uso de vestimentas de mangas longas e chapéus devido ao desconforto térmico. Nesse contexto, estratégias educativas isoladas podem não ser suficientes para modificar práticas de proteção. Torna-se fundamental que os serviços de saúde incorporem medidas estruturais de proteção ocupacional, incluindo o fornecimento regular de protetores solares, protetores labiais e equipamentos de proteção individual, bem como capacitações periódicas sobre fotoproteção, autoexame da pele e prevenção dos agravos decorrentes da exposição solar crônica (SCHALKA et al., 2020; SOCIEDADE BRASILEIRA DE DERMATOLOGIA, 2022).

No que se refere à fotoproteção mecânica, estudo realizado com estudantes universitários de Teresina, da Faculdade de Ciências da Saúde, Humanas e Tecnológicas do Piauí, identificou como itens mais utilizados a camiseta (44,2%), o guarda-sol (27,1%) e o chapéu (23,6%) (DIDIER FBCW, et al., 2014). Em contraste, entre os ACS entrevistados nesta pesquisa, o guarda-sol/sombrinha foi o recurso mais adotado (56,18%), seguido por camiseta (39,33%) e chapéu (13,48%). Esses achados podem sugerir que as diferenças observadas na utilização dos itens estão diretamente relacionadas ao contexto de exposição, e à atividade ocupacional no qual os grupos se encontram inseridos.

Outro estudo, realizado com carteiros da Empresa Brasileira de Correios em Botucatu (SP), demonstrou que variáveis como profissão e cor da pele constituem fatores de risco diretamente associados ao desenvolvimento de câncer de pele, destacando a importância da orientação de trabalhadores expostos constantemente à radiação ultravioleta (POPIM RC, et al., 2008). Situação semelhante é observada entre os ACS entrevistados nesta pesquisa, que desempenham suas funções em visitas domiciliares e, segundo o presente estudo, apresentam baixa adesão à fotoproteção: apenas 50,56% utilizam protetor solar no corpo e no rosto.

O Guia de Fotoproteção da Sociedade Brasileira de Dermatologia (2022) ressalta que a eficácia do protetor solar depende diretamente da quantidade aplicada, recomendando a chamada “regra da colher de chá”: uma colher para rosto, cabeça, pescoço, braços e antebraços; e duas colheres para dorso, coxas e pernas. Entre os ACS avaliados, 58,43% relataram utilizar na região facial menos do que a quantidade preconizada, enquanto apenas 41,57% afirmaram seguir a recomendação. Tal constatação revela que a prática de fotoproteção entre esses profissionais ocorre de forma ineficaz, podendo comprometer a saúde destes profissionais a longo prazo.

Os achados ressaltam a importância de refletir sobre os indivíduos que, em razão das exigências de seu trabalho, permanecem rotineiramente expostos ao sol. A radiação ultravioleta (UV) configura um relevante fator de risco ocupacional para trabalhadores ao ar livre, podendo acarretar consequências graves para a saúde, como o câncer de pele, tanto melanoma quanto não melanoma. Estudos apontam que fatores ocupacionais estão diretamente associados ao aumento da incidência de câncer de pele, especialmente em indivíduos com exposição solar crônica (CASTRO ACR, et al., 2019).

O trabalho ao ar livre aumenta substancialmente a exposição à radiação ultravioleta, tornando indispensável a adoção de medidas de fotoproteção física e química durante a jornada laboral. A exposição ocupacional prolongada aos raios UV está associada ao aumento do risco de queimaduras solares, fotoenvelhecimento precoce, lesões actínicas e desenvolvimento de câncer de pele, especialmente entre trabalhadores que permanecem expostos por longos períodos sem proteção adequada. Nesse contexto, o uso regular de protetor solar, vestimentas protetoras, chapéus de abas largas e a busca por áreas sombreadas constituem estratégias fundamentais para a redução dos danos cumulativos causados pela radiação solar (SCHALKA et al., 2020).

Ademais, considerando que a maioria dos ACS possui idade mais avançada e longo tempo de serviço, a exposição solar cumulativa representa um importante fator de risco à saúde desses profissionais. A literatura aponta que a exposição crônica à radiação ultravioleta está associada a alterações celulares, imunológicas e ao aumento do risco de câncer de pele, especialmente em indivíduos que permanecem longos períodos ao ar livre sem proteção adequada. A exposição ocupacional contínua à radiação solar favorece o acúmulo de danos cutâneos ao longo da vida, tornando trabalhadores expostos mais vulneráveis ao desenvolvimento de

agravos dermatológicos relacionados à radiação UV. Nesse contexto, a adoção de medidas efetivas de fotoproteção e de estratégias institucionais de prevenção é fundamental para a redução dos riscos à saúde desses profissionais (WHO; ILO, 2023; GUIMARÃES ALC et al., 2023). Nesse sentido, reforça-se a necessidade de ações educativas permanentes e estratégias institucionais que promovam o fortalecimento do conhecimento e a adoção efetiva de medidas de fotoproteção entre os ACS.

Os resultados também evidenciam uma alta ocorrência de queimaduras solares entre os ACS, uma vez que 59,55% (n=53) relataram ter apresentado ao menos um episódio de queimadura solar (vermelhidão e dor) nos últimos cinco anos, sendo que 32,59% (n=29) relataram frequência igual ou superior a três episódios no período avaliado. Esses dados quantitativos reforçam os achados do estudo de Coêlho JLA, et al. (2021), no qual foi identificado que os ACS permanecem expostos diariamente à radiação solar, sobretudo no intervalo entre 10h e 16h, considerado de maior risco para danos cutâneos, e que apenas uma minoria fazia uso adequado de medidas de proteção solar.

No que se refere ao autoexame de pele, observou-se que 51,69% (n=46) dos ACS relataram realizar essa prática, enquanto 48,31% (n=43) afirmaram não realizar ou não possuir conhecimento sobre o autoexame, conforme apresentado na **Tabela 5**, indicando lacunas importantes no autocuidado e na prevenção de agravos cutâneos relacionados à exposição solar. Esses achados evidenciam a necessidade de fortalecimento de ações educativas voltadas à detecção precoce de lesões cutâneas e à promoção do autocuidado entre esses profissionais.

Esses achados corroboram estudos que apontam fragilidades no conhecimento e na adoção de medidas efetivas de fotoproteção entre trabalhadores expostos ao sol, reforçando a necessidade de ações educativas permanentes e de políticas institucionais voltadas à promoção da saúde ocupacional e à prevenção dos agravos cutâneos (SILVA JR, et al., 2020; ALMEIDA MS, et al., 2019; SANTOS AC, et al., 2020).

## CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo demonstram que os Agentes Comunitários de Saúde do município de Picos-PI encontram-se expostos de forma contínua e prolongada à radiação solar em função de suas atividades laborais, configurando a exposição solar como um relevante risco ocupacional. Apesar de parte dos ACS relatar utilizar filtro solar com certa frequência, as práticas de fotoproteção mostram-se inadequadas, evidenciadas pela baixa reaplicação, pelo uso de quantidade inferior à recomendada, pela aplicação restrita a determinadas áreas do corpo e pela reduzida adesão ao protetor labial e aos equipamentos de proteção mecânica, como chapéus e vestimentas apropriadas. Verificou-se ainda elevada ocorrência de queimaduras solares e lacunas quanto à realização do autoexame de pele, o que pode dificultar a identificação precoce de lesões suspeitas. Diante desse cenário, ressalta-se a necessidade de implementação de ações educativas contínuas, bem como de estratégias institucionais voltadas à promoção da saúde ocupacional, com ênfase na conscientização, no acesso a recursos de fotoproteção e na adoção de práticas preventivas eficazes entre esses profissionais. Além disso, a prevenção dos danos causados pela exposição solar deve ser compreendida como uma responsabilidade compartilhada entre trabalhadores, gestores e serviços de saúde, exigindo a consolidação de políticas institucionais que garantam o fornecimento regular de insumos de fotoproteção, capacitações periódicas sobre os riscos da radiação ultravioleta e acompanhamento dermatológico preventivo. Tais medidas podem contribuir para a redução dos agravos à saúde, fortalecimento do autocuidado e melhoria das condições de trabalho dos ACS.

## REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA MS, et al. Hábitos de exposição solar e uso de protetor solar em trabalhadores ao ar livre. Ciência & Saúde Coletiva, 2019; 24(3): 987-995.
2. BRASIL. Instituto Nacional de Câncer (INCA). Estimativa 2023: incidência de câncer no Brasil. 2022. Disponível em: https://www.inca.gov.br. Acessado em: 05 de maio de 2026.

3. CASTRO ACR, et al. Câncer de pele e fatores ocupacionais: revisão integrativa. Revista Brasileira de Cancerologia, 2019; 65(4): e1234.
4. COÊLHO JLA, et al. As percepções dos agentes comunitários de saúde quanto às implicações da exposição solar no desenvolvimento de câncer de pele. In: SILVA MSQ, SILVA MQ, COSTA TNM (org.). Projeto de intervenção em saúde na comunidade: ensino híbrido durante a pandemia. Ananindeua: Editora Itacaiúnas; 2021.
5. DIDIER FBCW, et al. Hábitos de exposição ao sol e uso de fotoproteção entre estudantes universitários de Teresina, Piauí. Epidemiologia e Serviços de Saúde, 2014; 23(3): 487-494.
6. FERREIRA FR, et al. Conhecimento e práticas sobre fotoproteção entre profissionais da saúde. Revista de Enfermagem UFPE On Line, 2019; 13(2): 456-464.
7. GUIMARÃES ALC, et al. Fotoexposição em agentes comunitários de saúde no município de Vassouras-RJ: primeira análise de campo. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, 2023; 9(6): 2724-2735.
8. LUCENA EES, et al. Prevalência de lesões labiais em trabalhadores de praia e fatores associados. Revista de Saúde Pública, 2012; 46(6): 1050-1057.
9. MALCHER CMSR, et al. Fotoproteção em agentes comunitários de saúde (ACS) de Belém-PA. Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade, 2019; 14(41): 1798.
10. NOGUEIRA FAM, et al. Prevalência da exposição à radiação solar em trabalhadores no Brasil: subsídios para ações de prevenção do câncer de pele relacionado ao trabalho. Revista Brasileira de Cancerologia, 2025; 71(1): e054880.
11. POPIM RC, et al. Câncer de pele: uso de medidas preventivas e perfil demográfico de um grupo de risco na cidade de Botucatu. Ciência & Saúde Coletiva, 2008.
12. PURIM KSM, WROBLEVSKI FC. Exposição e proteção solar dos estudantes de medicina de Curitiba (PR). Revista Brasileira de Educação Médica, 2014.
13. SANTOS AC, ROCHA RS, PEREIRA LM. Exposição ocupacional à radiação ultravioleta e práticas de fotoproteção em trabalhadores ao ar livre. Revista Brasileira de Medicina do Trabalho, 2020; 18(2): 215-223.
14. SCHALKA S, et al. Consenso brasileiro de fotoproteção: atualização 2020. Anais Brasileiros de Dermatologia, 2020; 95(6): 629-642.
15. SILVA JR, et al. Exposição solar ocupacional e medidas de fotoproteção em trabalhadores da atenção básica. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, 2020; 45: e12.
16. SOCIEDADE BRASILEIRA DE DERMATOLOGIA. Câncer de pele. 2020. Disponível em: https://www.sbd.org.br. Acessado em: 05 de maio de 2026.
17. SOCIEDADE BRASILEIRA DE DERMATOLOGIA. Guia de fotoproteção da Sociedade Brasileira de Dermatologia: sob o sol com saúde e bem-estar. 2022. Disponível em: https://issuu.com/sbd.br/docs/sbd-guiafotoprotecao Acessado em: 05 de maio de 2026.
18. STRBO N, et al. Skin aging and immunosenescence. Exploration of Immunology, 2025; 5: 1003218.
19. TANG X, et al. Current insights and future perspectives of ultraviolet radiation (UV) exposure: friends and foes to the skin and beyond the skin. Environment International, 2024; 185: 108535.
20. WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO); INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION (ILO). Working under the sun causes 1 in 3 deaths from non-melanoma skin cancer. 2023. Disponível em: https://www.who.int. Acessado em: 31 de maio de 2026.